

# humanitas

Vol. XIX Ž J

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HVMANITAS

VOLS. XIX E XX



COIMBRA  
MCMLXVII-LXVIII

pelos museus; reexumou velhas estampas pulverulentas; distribuiu, com mão solerte, as cartas, as plantas, as reconstruções fidedignas. E, no entanto, evitava sempre a banalidade: «Chi mi facesse un'accusa perché fra le tavole illustrative manca una bella riproduzione del Colosseo o delle terme di Caracalla, dimostrerebbe di aver inteso a rovescio i criteri da cui sono stato guidato. Non ho mai avuto l'intenzione di rubare il mestiere ai venditori di cartoline illustrate, e penso che ciò che è noto a tutti, più che noto non può diventare» (p. XIX).

Quer dizer: Paoli aspirava a que a ilustração do seu livro se caracterizasse por uma relativa novidade — e, também, pelo poder de recriação. «Certi motivi di caccia, di pesca, di giuochi infantili o di adulti, di scene di osteria, sono motivi tradizionali, che l'arte romana ripete dall'arte greca, ed erano già penetrati in parte nell'arte etrusca [...]. Più che di vita romana sono documenti di vita antica: di quell'antico che è così vario secondo i tempi e i popoli, ma nel suo complesso ci appare pur sempre soffuso dei toni di un comune colore arcaico, quando il senso della lontananza ci fa sentire il passato come favola, e la storia diventa poesia» (p. XX).

O sonho do historiador-filólogo, que ano após ano se ia corporizando, foi plenamente realizado pelo organizador desta nova, luxuosa e pulcra edição: organizador anónimo, mas dotado de competência e bom gosto. Não interessa apenas sublinhar o aumento — extraordinário — do número de gravuras (de 183 que eram, 55 no texto e 128 em extratexto, são agora 403, 387 no texto e 16 em extratexto a cores): é de justiça elogiar também a renovação profunda que se operou no material utilizado e, sobretudo, na vitalização desse mesmo material, que deixa de ser complemento (recordemos que era, na sua parte principal, constituído por extratextos) para se tornar prolongamento inesquivável da exposição, porquanto nela se encontra inserido e profundamente enraizado, graças ao expediente de retomar, como legendas das gravuras, os passos do texto que as solicitaram.

Paoli, e o mais «clássico» dos seus trabalhos, bem mereciam esta homenagem, que repropõe à admiração do leitor uma obra bafejada — como diz Cataudella<sup>1</sup> — pelo sopro das Musas.

W. S. M.

**Tetraonyma. Miscellanea Graeco-Romana.** Genova, Istituto di Filologia Classica e Medioevale dell'Università, 1966, 322 pp., 25 extratextos e 1 folha desdobrável.

Luca de Regibus, historiador, Paolino Mingazzini e Aldo Neppi Modona, arqueólogos, e Enrico Turolla, filólogo clássico, — são os «quatro nomes» de professores da Universidade de Génova associados nesta miscelânea de homenagem. Todos completaram em 1966 os setenta anos de idade.

<sup>1</sup> *Presentazione*, p. XIV. — Outras obras famosas de Paoli, *Uomini e cose del mondo antico* e *La donna greca nell'antichità*, aguardam a edição remocada a que têm direito.

Ao contrário do que poderia esperar-se, a colaboração do volume é predominantemente filológica. Um vezo estilístico do velho Sisena — a abundância de advérbios em *-im* —, dá pretexto a judiciosas observações morfológicas e semânticas de Giuseppina Barabino (*Sisenna e gli avverbi in -im*, pp. 33-59). Gianfranco Bartolini estuda *Il terzo stasimo dell'Agamennone* (pp. 61-74), em que se observa uma inversão do processo dialéctico usado no párodo e alhures: a afirmação, antes de quaisquer considerações, de um terror aparentemente imotivado, mas tão forte que pode levar a um novo conhecimento. As fontes e os modelos de Ampélio em dois capítulos do seu *Liber memorialis* são objecto de uma minuciosa indagação de Adriana della Casa (*Ampelio cap. IV e V*, pp. 91-105), acompanhada de um gráfico e de uma reprodução fotográfica da página do códice. Versa sobre *La «Vita Tibulli»* (pp. 107-114) um interessante artigo em que Francesco della Corte propõe e fundamenta o texto seguinte: *Albius Tibullus, eques R. e Gal <l>is, insignis forma cultuque corporis observabilis, ante alios Coruinum Messalam or<atorem> i<nsi>g[i]nem dilexit, cuius etiam contubernalis Aquitanico bello militaribus donis donatus est. Hic multorum iudicio principem inter elegiographos obtinet locum. Epistulae quoque eius amatoriae, quamquam breves, omnino utiles sunt. Obiit adulescens, ut indicat epigramma supra scriptum.* Marta Giacchero mostra, de forma concludente, *L'influsso di Plutarco [De uitando aere alieno] sulla condanna basiliana [Hom. in Psalm. 14.2] del prestito ad interesse* (pp. 157-174), e Vincenzo Longo, em *Nerone o Vespasiano?* (pp. 175-179), inclina-se para a convicção de que o epigrama luciliano da *Anth. Pal.* 11.185 fosse dedicado a Nero. O poeta *Atilius*, cujo nome seria de substituir ao de *Aquilius* em Gélio (3.34), e de integrar em Varrão (*De ling. Lat.*, 6.89), parece, como cómico, dependente do exemplo de Menandro, de Plauto e de Cecílio, e, como trágico, inserido na linha sofocliana: tais são as conclusões de uma investigação de Teresa Mantero, *Il poeta drammatico Atilio* (pp. 181-209). A intuição de uma Igreja a manifestar-se como pessoa viva e operosa exprime-se em São Cipriano numa série de imagens, geralmente de origem bíblica, que Agostino Pastorino comenta em *Temi ecclesiologici in Cipriano* (pp. 211-229). Em uma *Nota sulla redazione della «Sententia Minuciorum»* (pp. 231-240), o mais antigo documento histórico da Ligúria e, pela originalidade do conteúdo, complexidade e integridade do texto, uma das inscrições latinas mais importantes da idade republicana, Giulia Petracco Sicardi observa que a *Sententia*, redigida num ambiente em que se caldeavam influências linguísticas de populações itálicas, se apresenta mais rico de vulgarismos e dialectismos que as outras inscrições oficiais coevas. Seguem-se duas breves indagações: de Giovanni Rinaldi à semântica do *Ebraico ma<sup>c</sup>ôn e m<sup>ec</sup>ônâ* ('recesso' > 'habitação' > 'templo', 'céu') (pp. 241-246); de Giuseppe Scarpat a *Un passo della «Sapientia»* (2.9a) (pp. 247-249), em que deve ler-se *λειμών* (em sentido obsceno) e não *ἡμῶν*. Giannina Solimano faz documentadas considerações sobre a origem do mito de *Ero e Leandro* (pp. 251-265), que assumiu dignidade literária no período helenístico, e que pode remontar a um facto autêntico (o amor infeliz de dois fareleiros do Helesponto) que comovesse e estimulasse a fantasia popular. *Papiri genovesi inediti* (pp. 265-310), com interesse histórico ou linguístico, são transcritos e comentados por Augusto Traversa, que nesta melindrosa tarefa tem desenvolvido larga actividade. Por último, Bruno Zucchelli analisa a estrutura de *Motacilla, strittabilla e le formazioni latine in -tlo-, -tro-, -dhlo-, -dhro- di genere animato* (pp. 311-319).

Apenas quatro estudiosos se ocupam de temas históricos em sentido estrito: Angela Bellezza, que, em *Cecilia Paolina* (pp. 75-83), resolve, com elementos epigráficos e numismáticos, o problema da identificação da esposa de Maximino-o-Trácio; Nelida Caffarello, que se baseia em pinturas dos túmulos etruscos dos Áugures, de Pulcinella e das Olimpíades para estabelecer que *Phersu* (pp. 85-89) designa 'homem mascarado', actor de profissão que actua como açulador de cães, corredor ou dançarino; Gioia de Luca, que atentamente descreve uma *Idria a figure nere a Genova con il mito di Perseo e Medusa* (pp. 115-137: artigo ilustrado com 32 reproduções); e Giovanni Forni, que chamou a si a ingrata missão de explorar a floresta virgem da instituição da tribo romana na idade imperial («*Doppia tribù di cittadini e cambiamenti di tribù romane*», pp. 139-155). Mas tem interesse referir que mesmo o segundo destes autores vai buscar à opinião dos linguistas (etr. *phersu*: lat. *persona*: gr. *πρόσωπον* 'máscara') o argumento confirmativo da sua conclusão...

W. S. M.

JOSEPH HERMAN — *Le Latin vulgaire*, Presses Universitaires de France, 1967, 128 pp.

É agradável verificar que a colecção «Que sais-je?» pôde ir buscar para o seu n.º 1247, ao extremo oriental da Hungria, um professor da Universidade de Debrecen. Isto já de si significa, mais uma vez, que os problemas clássicos, mesmo de grande especialização, não se limitam ao chamado «mundo ocidental», nem muito menos aos descendentes dos habitantes da antiga România. Dentro dos limites de espaço imposto pela série a que se destina, pode dizer-se que este «ponto dos conhecimentos actuais» sobre o Latim Vulgar satisfaz na sua generalidade. Aliás, o A. declara explicitamente na introdução (pp. 5-7) que não pretende condensar tudo o que os especialistas escreveram a tal respeito, mas apenas «indicar com nitidez as características essenciais do latim dito vulgar e as linhas de força da sua evolução».

Satisfazem perfeitamente a breve história, definição e diferenciação do latim vulgar, de acordo com as épocas e camadas sociais (cap. I, pp. 9-18). Sob o título de «Condições externas» é-nos fornecida uma resenha da romanização, ao longo dos séculos, nas regiões ocupadas pelos emissários de Roma, não deixando, no entanto, de se assinalarem as suas limitações (cap. II, pp. 19-26). Muito metódico também é o cap. III, dedicado às fontes do latim vulgar (pp. 27-35). Reduzida embora aos factos fonéticos fundamentais, é clara a exposição (cap. IV) sobre a evolução do vocalismo (pp. 36-47) — com uma justa posição sobre o discutido problema do acento em latim (pp. 44-46) — e do consonantismo, apesar da complexidade que este apresenta (pp. 47-56).

A partir do cap. V, em que se trata da morfologia — declinação de nomes e pronomes (pp. 57-73) e da conjugação (pp. 73-82) — J. Herman cai, quanto a nós, num defeito constante: inclui sob o conceito de latim vulgar factos linguísticos que

são típicos de outras classes de latim. Deve reconhecer-se que o «latim tardio» constitui hoje uma especialização de que são mestres E. Löfstedt e D. Norberg e que este não deve confundir-se com o «latim vulgar», assim como o não deve ser a língua latina «especial dos cristãos», que está perfeitamente caracterizada pela «escola de Nijmegen», como se comprova pelas obras da Prof.<sup>a</sup> Ch. Mohrmann e pelas duas dezenas de volumes da série «*Latinitas Christianorum Primaeva*» (Utrecht-Nijmegen). Concordamos em que será lícito procurar elementos «vulgares» nos autores «tardios» e «cristãos». Mas J. Herman vai frequentemente mais longe. Termos como *euan-gelizare*, *angelus*, etc. (p. 94), por exemplo, não pode dizer-se que sejam típicos do «latim vulgar». O seu aparecimento foi apenas devido ao cristianismo, independentemente da classe social que falava o «latim cristão». Do mesmo modo nos não parece aceitável a citação sistemática (pp. 63, 80, 81, 86, 98 e 108) de S. Gregório de Tours, escritor que, com fundamento, pode até ser considerado já como bom exemplo do que era o princípio do «latim medieval». Posta esta reserva, sublinhada pelo facto de com frequência serem referidos fenómenos que devem ter ocorrido na segunda metade do primeiro milénio p.C. (dever-se-á, ainda então, falar de «latim vulgar» no sentido comumente aceite?), podemos continuar a apreciar o trabalho de J. Herman.

O cap. VI dá-nos bons resumos sobre a sintaxe dos grupos nominais (pp. 83-88), da oração (pp. 88-90) e da frase (pp. 90-98). O último capítulo linguístico, o VII (pp. 99-113), trata da constituição do vocabulário. Far-lhe-emos no fim alguns reparos. Finalmente sob o título de «Alguns problemas gerais» (cap. VIII) é discutida em primeiro lugar a questão, de grande interesse: «Quando deixou de se falar latim?» (pp. 114-121). A resposta apresenta a solução tida como justa (fins do século VII — princípios do século VIII), mas sem indicar documentação ou estudos que abonem tal conclusão. Evidentemente que esta só poderá ter valor científico quando sobre as diversas regiões da România tiverem sido feitos estudos no género do de Mário A. Pei, *The language of de eighth-century texts in Northern France* (New York, 1932). O segundo problema apresentado, «As tendências essenciais da evolução vulgar» (pp. 121-125) é afinal a recapitulação e conclusão de todo o livro.

Tratando-se de uma rápida visão dos problemas levantados pelo Latim Vulgar, não vem a propósito entrar aqui na discussão de várias questões, como por exemplo a da datação de documentos. Não podemos, no entanto, deixar de apresentar uma pequena contribuição para que sejam eliminados alguns defeitos relacionados com a persistência do vocabulário latino no português. 1.º — Em vez do clássico *pulcher* o latim vulgar adoptou, por certo, *bellus* e *formosus*. Lembremos, no entanto, que as línguas hispânicas têm representante não apenas do segundo, mas também do primeiro, ao contrário do que o texto (p. 11) deixa supor. 2.º — Entre as línguas românicas que mantêm o ditongo *au* (p. 40) o português merece lugar de relevo, dada a abundância de vocábulos em que ele subsiste, em todas as posições, tanto puro como evoluído. Apresentemos apenas exemplos em posição inicial, por serem de fácil verificação nos dicionários: De *audácia* a *auxílio* temos muitas dezenas de palavras; igualmente de *ouro* a *ouvir* umas duas dezenas de vocábulos representam a evolução do mesmo ditongo latino. 3.º — É erro manifesto dizer (p. 82) que nas línguas românicas apenas subsiste a evolução de *respondere* da II para a III conjugação, tal como no italiano *rispondere* e no francês *répondre*. Na realidade, o português *responder*, com acento na última sílaba, postula a manutenção dos temas em